

A Trágica Decisão de Martin Luther King

CARL T. ROWAN



Rev. Martin Luther King, Jr.

Que o teria levado a pôr em perigo, com os seus irrefletidos pronunciamentos sôbre o Vietname, o movimento que tão hàbilmente serviu? Outro ilustre negro americano analisa o homem e seus motivos

NUMA NOITE fria e clara, em 4 de abril último, o Reverendo Martin Luther King levantou-se na Igreja de Riverside em Nova York e proferiu a mais violenta invectiva contra a ação dos Estados Unidos no Vietname jamais feita por um americano tão eminente. Qualificou os Estados Unidos de “o maior agente de violência do mundo atual” e acusou-os de “cruéis manobras com os pobres”. Disse que o povo do Vietname fica assistindo enquanto os americanos “envenenam a sua água”, e “destroem milhares de hectares das suas colheitas”.

Afirmou que os norte-americanos “talvez tenham matado um milhão de civis sul-vietnamitas—em sua maioria crianças”. Disse que os soldados americanos “experimentam as últimas armas” nos camponeses do Vietname “exatamente como os alemães experimentavam novos medicamentos e novas torturas nos campos de concentração da Europa”. Acusou o Presidente Johnson de mentir a respeito das sondagens de paz de Hanói e concitou os americanos a se recusarem ao serviço militar “por motivos de consciência”.

A reação através dos Estados Unidos e do mundo foi imediata e explosiva. As rádios de Moscou e Pequim captaram as palavras de King e as retransmitiram para capitais distantes. Na Casa Branca, um assessor presidencial exclamou: "Meu Deus, King fez um discurso sobre o Vietname exatamente de acordo com a linha comunista!" O Presidente Johnson, lendo os comunicados do serviço telegráfico, ficou vermelho de indignação.

Os líderes do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, aflitos, trataram de fazer planos para resguardar o já cindido movimento pela igualdade dos negros das consequências do ataque de King. Negros ilustres, como Roy Wilkins, diretor executivo da Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Côr, Ralph Bunche, Prêmio Nobel e subsecretário das Nações Unidas, e o Senador Edward Brooke discordaram publicamente de King. O *Post* de Washington, que há muito apóia King, disse: "O Dr. King causou grave dano à grande luta para suprimir da vida pública velhos abusos. Reduziu a utilidade que tinha para a sua causa, para a sua pátria e para o seu povo."

Que espécie de pessoa é esse homem que, num período de três anos, recebeu um Prêmio Nobel da Paz

e foi denunciado como vilão? Que significam Martin Luther King e os seus recentes atos para seu país e para as acirradas disputas que ora dilaceram o movimento pelos direitos civis nos E.U.A.?

Filho de Lutadores. Para compreender a posição excepcional de King na vida americana, temos de retroceder até 15 de janeiro de 1929, quando Michael Luther King, Jr., nasceu numa confortável casa de 13 peças em Atlanta, Geórgia. Seu pai e seu avô materno, o Reverendo A. D. Williams, tinham-se tornado, através da Igreja Batista Ebenezer, dois dos grandes pregadores do Sul.

Quando o pequeno Michael tinha seis anos (foi nessa época que o pai dele mudou os nomes de ambos, adotando o do chefe da Reforma Protestante), estava bem a par da luta racial que se travava em torno dele. O avô Williams tinha sido um dos primeiros dirigentes da seção da Geórgia da Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Côr. O pai lutara pela igualdade de salários dos professores negros e pela supressão da segregação racial nos elevadores do fórum de Atlanta. É o jovem Martin não tardou a conhecer diretamente a dor e a humilhação da discriminação. Recordou depois como uma das suas horas de maior revolta uma viagem de ônibus que fez de Macon para Atlanta, durante a qual o motorista chamou-lhe e ao seu professor de "negros sem-vergonha" porque demoraram em ceder o lugar a passageiros brancos.

CARL T. ROWAN, diretor da Agência de Informação dos Estados Unidos de fevereiro de 1964 a setembro de 1965, escreve agora uma coluna que é publicada em mais de 100 jornais nos Estados Unidos e em outros países.

King foi um estudante brilhante e sensível, que entrou aos 15 anos para o Morehouse College em Atlanta, alimentando a idéia de ser advogado ou médico. Mas leu ali o “Ensaio Sobre a Desobediência Civil”, de Thoreau, e ficou convencido de que tinha de participar do protesto social e de que só através do ministério religioso poderia agir com eficiência. De Morehouse, King passou para o Seminário Teológico Crozer, em Chester, Pensilvânia, onde uma conferência sobre Mohandas Gandhi o fez devorar todos os livros e artigos sobre o grande líder do protesto não-violento na Índia.

O pensamento de Gandhi e de Thoreau ainda inflamavam o espírito de King quando tive o primeiro contato com êle, em fins de 1955. Estava então empenhado no seu primeiro grande teste de não-violência e desobediência civil. Em 1.º de dezembro daquele ano, uma costureira negra, a Sr.^a Rosa Parks, tomou um ônibus em Montgomery, Alabama, onde King era havia pouco tempo pastor da Igreja Batista da Avenida Dexter. Quando o motorista ordenou aos negros que se levantassem para que os brancos pudessem sentar-se, a Sr.^a Parks não obedeceu e foi prêsã. Horas depois, os negros haviam lançado um boicote com uma eficiência de 99% que ameaçou arruinar a linha de ônibus.

Como repórter do *Tribune* de Minneapolis, fui a Montgomery e tive permissão para assistir às sessões de planejamento estratégico dos líderes

negros. O dom da palavra de King, a sua aparente falta de ambição pessoal e sua disposição para enfrentar as autoridades municipais que estavam falando duro fizeram dêle o chefe natural do movimento. As autoridades municipais prenderam 115 líderes religiosos e políticos negros; uma bomba explodiu na varanda da frente da casa de King. Mas o boicote foi mantido durante 382 dias cheios de tensão e determinou a decisão da Suprema Côrte dos Estados Unidos que decretou a ilegalidade da segregação nos ônibus. Os negros de Montgomery haviam conseguido uma grande vitória, e Martin Luther King se tornou mundialmente famoso.

“**Couraça de Retidão**”. Como King ascendeu às culminâncias? Êle tinha carisma—uma sinceridade simples, uma capacidade de usar o manto da igreja de tal maneira que sugeria uma aproximação especial com Deus. Ganhou a relutante admiração de americanos brancos e o apoio de milhões de não americanos graças à sua dignidade, à sua disposição para aceitar insultos verbais, a ir calmamente para a prisão—e oferecer ainda a outra face—a fim de alcançar os seus objetivos. Parecia imune à provocação. Ganhou a reputação de ser um líder sem egoísmo, cuja dedicação e sabedoria estavam acima do normal.

Quando um grupo de negros acosados e batidos em Gadsden, Alabama, estavam à beira da violência, King pediu-lhes que depusessem as

armas. “Munam-se da arma da não-violência, da couraça da retidão, da armadura da verdade e continuem a marchar apenas”, exortou. Assim fizeram. E quando o jovem ministro dizia aos brancos: “Enfrentaremos a capacidade que têm de infligir sofrimento com a nossa capacidade de suportar o sofrimento; não os odiaremos, mas não podemos em sã consciência obedecer às suas leis injustas”, desarmou muitos que tinham uma hostilidade latente para com o negro.

“Não há nêle arrogância, nem atitude intelectual”, disse dêle o *Times* de Nova York em 1961. “Não mostra rancor pelos brancos que o têm tratado rudemente.” Se êle se viu envolvido em crise sôbre crise—a permanência nos restaurantes em Atlanta, em 1960; as manifestações em Albany, Geórgia, em 1961; os explosivos protestos de 1963 em Birmingham; a marcha em Selma, Alabama, em 1964—foi porque, como disse um dos seus auxiliares, “é preciso uma crise para haver negociações. Adotar uma atitude moderada na esperança de obter ajuda dos brancos não dá resultado”.

A Auréola Desaparece. Mas alguma coisa começou inexplicavelmente a acontecer, depois de algum tempo. King pareceu adquirir uma noção exagerada de quanto êle e suas técnicas de crises haviam concorrido para os progressos alcançados nas relações raciais.

Podia, de fato, afirmar de maneira bem convincente que foi a crise que êle e os seus partidários desencadea-

ram em Birmingham em 1963 que coroou a revolução do negro e conquistou o apoio necessário para a aprovação das leis de direitos civis nos Estados Unidos, em 1964 e 1965. Mas outros líderes negros, conquanto não negassem o valor das manifestações, argumentavam que o negro americano nunca poderia renunciar à sua confiança na lei. Salientavam que os negros poderiam estar ainda andando a pé e não nos ônibus de Montgomery se os advogados não tivessem ganho a causa na Côrte Suprema dos Estados Unidos. Diziam que o negro tinha de continuar a lutar por uma legislação positiva e por decisões judiciárias justas. Afirmavam que a causa exigia que se cortejasse a opinião pública de maneira hábil e às vêzes sutil.

A verdade era que os negros começavam a ficar inquietos a respeito de King. Não parecia mais o líder despido de egoísmo da década de 1950. Comentava-se que as suas idas para a cadeia pareciam golpes de publicidade. Quando o prenderam em Albany, Geórgia, em 1961, êle havia declarado dramaticamente que ficaria atrás das grades até que a Prefeitura suspendesse a segregação dos lugares públicos. Dois dias depois, foi sôlto sob fiança. Em St. Augustine, Flórida, depois de incitar os negros a grandes manifestações, marchou para a prisão por entre considerável alarido. Mas, dois dias depois, foi de nôvo sôlto sob fiança para ir receber um título *Honoris causa* na Universidade de Yale.

Rumôres Sinistros. King deu realmente graves motivos de preocupação tanto a críticos como a admiradores, em 1965, quando começou a falar sobre política externa. Disse em julho daquele ano a um grupo de Los Angeles que as questões de injustiça racial, pobreza e guerra estão "indissolúvelmente ligadas". Quando alguns assessôres externaram dúvidas sobre a conveniência de ligar as três questões, êle retorquiu: "Não é possível pensar apenas nos direitos civis. É muito bom tomar leite numa lanchonete sem segregação, mas não quando o leite contém estrôncio 90."

Um mês depois, anunciou que pretendia escrever ao Presidente Ho Chi Minh, do Vietname do Norte, e aos líderes do Vietname do Sul, da Rússia e dos Estados Unidos, num esforço para trazer a guerra para a mesa de conferências.

Em seguida, em setembro de 1965, procurou Arthur Goldberg, chefe da delegação norte-americana às Nações Unidas, e instou para que os Estados Unidos fizessem pressão para dar à China Comunista um lugar na ONU. Pediu também a suspensão dos ataques aéreos americanos ao Vietname do Norte e recomendou negociações com o Vietcong. Nesse ponto, até alguns dos seus mais firmes partidários começaram a vacilar.

O *Herald Tribune* de Nova York disse: "O Dr. King já está empenhado numa tarefa ingente e inacabada numa área em que a sua influência é grande. Só poderá dissipar

essa influência, se se aventurar em campos que lhe são estranhos." Num comentário mais áspero, o colunista liberal Max Freedman perguntou: "Está êle procurando desempenhar um papel no Vietname porque a luta dos direitos civis não está mais, na sua opinião, à altura dos seus talentos?" Roy Wilkins, dirigente da Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Côr, Whitney Young, diretor executivo da Liga Urbana, o líder socialista Norman Thomas e Bayard Rustin, um dos principais organizadores da grande marcha dos direitos civis sobre Washington em 1963 e pessoalmente pacifista, pediram todos em vão a King que não se envolvesse na controvérsia do Vietname.

Por que King rejeitou a opinião dos seus velhos companheiros dos direitos civis? Dizem alguns que foi por vaidade—pois estava convencido de que, sendo êle o negro de maior prestígio da América, o Presidente Johnson *teria* de escutá-lo e alterar a política dos Estados Unidos no Vietname. Outros fizeram reviver uma hipótese mais sinistra, que fôra sussurrada em tórno do Capitólio e nas redações dos jornais dos Estados Unidos havia mais de dois anos, segundo a qual os comunistas estavam exercendo influência sobre os atos e as palavras do jovem pastor. Essas conversas afligiram os líderes dos direitos civis mais do que qualquer outra coisa.

Falo disto não para endossar o que King e muitos outros podem consi-

derar uma difamação de “culpa por associação”, mas em vista da ameaça que essas alegações representam para o movimento americano dos direitos civis. Quando King atacava apenas a prática da segregação racial, os rumôres de que estava ligado aos “inimigos dos Estados Unidos” ou era por eles influenciado tinham um impacto limitado. A maioria dos congressistas e jornalistas americanos sabiam que os negros americanos não precisavam de um comunista para dizer-lhes que não gostavam de ficar amontoados na traseira dos ônibus, nas galerias dos cinemas, nas portas dos fundos dos restaurantes ou numa escola caindo aos pedaços no meio do mato. Mas agora que King se envolveu a fundo num conflito em que os Estados Unidos estão empenhados em combate direto com os comunistas, os rumôres deverão produzir reações fortemente hostis. Não podem deixar de prejudicar as possibilidades de aprovação da lei que se destina a proteger os que trabalham pelos direitos civis no Sul dos Estados Unidos e a tornar ilegal a discriminação habitacional.

Nova Tensão. King respondeu aos seus críticos. Disse no seu discurso de 4 de abril na Igreja de Riverside, em Nova York, que estava convencido de que os Estados Unidos nunca empregariam na recuperação dos seus pobres as somas ou as energias necessárias “enquanto aventuras como a do Vietname continuassem a tragar homens, competência e dinheiro como um demoníaco e

destruidor tubo de sucção”. Disse aos que o ouviam em Riverside: “Estamos agarrando jovens prêtos que foram mutilados pela nossa sociedade e mandando-os para 13 000 quilômetros daqui para garantirem no Sudeste da Ásia as liberdades que não encontraram no sudoeste da Geórgia ou na zona leste do Harlem.”

Essa última parte é um velho clamor que alguns negros têm levantado em tôdas as guerras americanas. Mas em nenhum conflito um negro com o prestígio de King recomendou aos negros que se esquivassem ao combate porque não tinham por que lutar. King deve ter presumido que o “nôvo negro”, cheio de frustrações como êle é, seria receptivo a êsse argumento. Mas um inquérito recente mostrou que quase 50% dos negros americanos pensam que King está errado—e 27% reservaram sua opinião.

Considero notável essa oposição a King em vista da dose de emoção e revolta que existe na revolução negra. Ela sugere que os negros americanos em sua maioria têm orgulho da atuação em conjunto dos soldados de côr no Vietname e que ainda consideram a América *a sua* pátria e não querem parecer impatrióticos.

Sem dúvida alguma, o discurso de King na Igreja de Riverside e suas afirmações posteriores sujeitaram a nova tensão e a novos ônus o movimento dos direitos civis. King tornou-se *persona non grata* para Lyndon Johnson, fato que êle pode considerar sem importância. É prová-

vel também que os seus antigos amigos no Congresso não o escutem mais, nem se impressionem com êle como no passado. É possível que isso também não tenha importância para King. Mas pode significar a diferença entre a pobreza e o bem-estar para milhões de negros americanos que não podem romper o círculo vicioso de pobreza e falta de preparo que os aprisiona se o Presidente não tomar a iniciativa e se o Congresso não proporcionar os programas e as leis que romperão êsse círculo.

Martin Luther King fêz os negros perderem muitos amigos e deu armas aos inimigos dos negros em

ambos os partidos, dando a impressão de que o negro é desleal. Recomendando aos negros que não atendam à convocação para o serviço militar ou não lutem no Vietname, assumiu uma atitude que muitos americanos de tôdas as raças consideram inteiramente irresponsável.

É um paradoxo trágico a existência de qualquer dúvida sôbre a lealdade do negro à sua pátria—especialmente sendo a dúvida criada por Martin Luther King, que contribuiu mais do que qualquer outro homem para fazer verdadeiramente dos Estados Unidos a pátria do negro também.



UM RAPAZ foi fazer exame para tirar licença de direção de motoneta, e recebeu instruções do examinador para dar três voltas numa praça da cidade.

—Preste atenção—disse o examinador—pois vou descer da calçada bem defronte de você para verificar sua reação ao freio.

Depois das três voltas, não vendo sinal do examinador, o rapaz voltou ao local dos exames, e contou o que acontecera.

—É lamentável—explicou o supervisor—mas o seu examinador no momento está a caminho do hospital. Imagine que êle se colocou diante da motoneta errada.

—W. S. L.



Opinião de Perito

UM FABRICANTE de roupas escreveu para o filho que o clímax de sua viagem à Itália foi uma audiência com o Papa Paulo VI. “Eu estive a um metro de distância dêle, no máximo. É um homem muito gentil, extremamente delicado—mais ou menos tamanho 44, para menos.”

—Milt Widder, em *Press & News* de Cleveland